

Marco P. Alves
University of Texas (Austin)

Pássaros

Tínhamos dois. Viviam em suas gaiolas separadas, que eram países separados, cada um com a sua mudança de tempo. Calor aqui. Neve ali. Mas não havia distancia para os separar. Quando um cantava, o outro ouvia até a sua vês de responder. Estavam em concerto. E quando banhavam, um vigiava o outro. O outro vigiava o um. Tudo se passava assim, com cada um em sua gaiola separada. E um dia, ao por a roupa na linha, que era a donde se penduravam no segundo andar do apartamento, as gaiolas caíram. As duas tombaram, primeiro contra o toldo em baixo, depois ressaltando para a erva e para o cimento. Os dois pássaros eram canários, um claramente macho, e o outro fêmea. O pássaro sobre a relva foi lento em descobrir as suas assas, e depois se levantou. O outro pássaro, o que a sua gaiola caiu para o cimento, tinha um olho lacrimante e um bico sangrento. Mas ela sobreviveu.

Emenda a uma resposta

Ceguei, uma mulher frígida
quem não lhes aliviou a sua maternidade nova: um filho já nas suas mãos,

e trago outro para o seu reino manifestado;
ainda hei de lhes introduzir a mais
se eles saírem daquele mato preto.

Aí eles se punham de surdos-mudos.

Arrastei aquele maldito rapaz por aldeias, estações de comboio, vielas extinguidas de vida sempre com certificado de nascimento e aquele documento de enfermidade, falso, que dizia que ele era um rapaz fraco. Arrastei-lo até um país de ar de metralhadora, a donde as montanhas são substituídas pelos braços de ferro, a donde o pessoal se recolhe para dentro dos seus cortiços sem ter que cultivar batatas.

Que diabo de rapaz, aquele!
Que diabo de homem lhe fez!
Esperanças, meu filho?

De solidão,
de trabalho escravo,
de engasgar uma língua.

Nasci com voz alta,
para vender peixe na peixaria,
para dar voz a quem não fala:
seja de maldade, seja de verdade, ou seja sem amor.

Se eu lhes ignorar sou como esses homens que mandam meninos para guerra, homens que roubam vida, como deuses. Naquele tempo se falava de esperança como se fôssemos todos iguais: portugueses, italianos, polacos, espanhóis. Veja lá, eu que vivia na fronteira com a Espanha e nunca avia conhecido um galego.

Cães

Detesto cães de casa porque procuram só três coisas:
comida, sair para ir ao banho, e amor,
que é como atenção.

Detesto cães à solta porque se desfazem
do amor.

Tu, meu amor, comes por qualquer lado.
Mas a diferença entre os cães e tu é que os cães
conhecem um tipo de lixo superior.